



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Kodato, Sergio; Silva Soares da, Ana Paula  
Homicídios de Adolescentes: Refletindo sobre Alguns Fatores Associados  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 507-515  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813318>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Homicídios de Adolescentes: Refletindo sobre Alguns Fatores

Sergio Kodato<sup>1</sup>

Ana Paula Soares da Silva

Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto

### Resumo

Este estudo é uma investigação de alguns fatores associados a homicídios praticados contra adolescentes em Ribeirão Preto (SP), onde, no período de 1995 a 1998, foram assassinados 101 adolescentes. A coleta de dados foi realizada através da conjunção das seguintes técnicas: levantamento de dados sociográficos e processos judiciais instaurados no Ministério Público local; observação participante da instituição de internação destinada para adolescente autor de ato infracional; entrevistas com adolescentes internos pela prática de homicídio. Como resultado, pode-se afirmar que as condições de vida que levaram à morte os adolescentes, são fruto de fatores, onde, além da fragilidade institucional, observa-se como determinantes a disputa pela apropriação de bens, o conflito de interesses financeiros, o tráfico de drogas, e, um modo de relacionamento interpessoal, cujas conflitivas se dão de forma não mediada e violenta.

*Palavras-chave:* Homicídio; adolescência; violência; tráfico de drogas.

**Adolescents' Homicide: Thinking about Some Associated Factors**

### Abstract

This research is an investigation of some factors associated to homicides committed against adolescents in Ribeirão Preto (SP), in which, during the period of 1995-1998, 101 children and adolescents were killed. The data were made throughout the association of the following methods: sociographics data enrollment, and data in the local prosecuting counsel; participant observation of the local internment institution, destined to adolescent犯人; interview with intern adolescents for homicide acts ( $n=8$ ). As a result one may state that ends on death of adolescents are product of a synchronization of factors, where, besides the fragility of institutions, observe determinants the dispute for appropriation of goods, conflict of financial interests, drug traffic, producing of interpersonal relationship, of which resolution of conflictive situation materializes in violent ways.

*Keywords:* Homicide; adolescence; violence; drug traffic.

As demandas da sociedade civil por maior segurança e melhores condições de vida contrastam com a miséria crescente e a multiplicação das ocorrências de violência em todas as esferas da vida social. A dificuldade dos aparelhos de Estado em conter ou amenizar o incremento do crime, dos atentados ao patrimônio e à própria

crianças e adolescentes, possibilidades de uma nova fase dessa história, quantitativa e qualitativa, caracterizada pelo agravamento dos episódios de violência, crise no processo civilizatório, forte, numa tragédia fáustica.

elevação crescente nos últimos anos. Segundo dados da Fundação SEADE (1999, [www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)), no início da década atual, este índice, para cada 100.000 habitantes, era de 15,89 (em 1991). Em 1998, ele chega a alcançar 43,64. Durante este período, os dados disponíveis indicam ainda os seguintes valores: 18,08 em 1994, 41,68 em 1996 e 37,54 em 1997. Como se percebe, a partir de 1994, o índice dobra, aproximando-se, por exemplo, daqueles relativos à cidade de São Paulo, no início da década, que, de 44,79 em 1991, e, 44,90 em 1994, saltou para 55,56 em 1996 e 54,76 em 1997 (Fundação SEADE, 1999). É importante notar que o maior aumento no índice de homicídios, em Ribeirão Preto, ocorreu entre 1994 e 1996, sendo que, se comparado com São Paulo, nesta última cidade, o aumento, no mesmo período, não ocorreu de forma tão acentuada. Esse é um fenômeno que merece atenção: nos grandes centros urbanos, a criminalidade violenta vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas. As informações a respeito da cidade de Ribeirão Preto demonstram que tal fato também vem ocorrendo em cidades de médio porte.

Em relação à população jovem, os índices de mortalidade por homicídio não são tão elevados quanto os da população em geral. Considerando-se o período de 1995 a 1998, registrou-se, na cidade, o assassinato de uma criança (onze anos) e de cem adolescentes (doze aos dezoito anos). Segundo levantamento divulgado pela Delegacia de Investigações Gerais (DIG) do município (Eblak, 1998), os homicídios de menores de dezoito anos representam 20,3% do total de homicídios na cidade. Em 1995, a população até os dezenove anos de idade representava 18% do total da população no município (Fundação SEADE, 1999). Ou seja, os adolescentes são assassinados numa proporção pouco maior do que aquela relativa à participação na população.

Entretanto, tal fato não minimiza a gravidade do problema em Ribeirão Preto, principalmente, se considerarmos que a velocidade de crescimento dos homicídios, entre 1994 e 1998, é de 14,6%.

seu processo de vitimização que motivou a solicitação de intervenção. E neste tocante, a autoria de homicídios por jovens parecia concordar com as especulações. Pelo menos o número de registros no município aponta para um aumento. De acordo com Silva (1999), o levantamento de processos de adolescentes por atos infracionais que tiveram envolvimento da Infância e Juventude no município, entre 1984 a 1996, foi o homicídio doloso a maior, que cresceu, aumentando 40 vezes.

Considerando-se o processo de aumento de homicídios no município, tanto os adolescentes como aqueles em que elas são vítimas, que fatores estariam neste fenômeno? Quem são os adolescentes vítimas dos homicídios? Por quais motivos, em que circunstâncias, são cometidos tais assassinatos? Haveria a existência de prática de atos infracionais, a passagem por internamento e a vitimização?

A fim de levantar indícios que possam refletir e compreender estas e outras questões que foram realizados este trabalho. Pretende-se, com o conhecimento de determinadas situações, contribuem para a ocorrência dos homicídios, subsídios para a possibilidade de ações preventivas e remediativas que atenuem o problema.

## Método

### Participantes

Cento e um processos instaurados no Ministério Públíco, visando a apurar os homicídios cometidos no período de 1995-98, foram analisados.

Oito adolescentes internados por prática de crimes na Unidade Educacional da FEBEM, situada em Ribeirão Preto (UE-03), foram entrevistados. Os adolescentes são todos do gênero masculino, oriundos de famílias de baixa renda.

em virtude do assassinato de adolescentes ocorridos entre 1995 e 1998.

### **Procedimentos**

Como se observa, nesta investigação, recorreu-se ao inter-método que permite a articulação entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa, sendo portanto a coleta e a análise dos dados realizadas através da conjunção das seguintes técnicas: 1) levantamento de dados sociográficos, através da análise dos processos judiciais instaurados no Ministério Público local, em função dos homicídios ocorridos ( $n= 101$ ); 2) observação participante da instituição de internamento no município, destinada para adolescente autor de ato infracional (FEBEM/RP, UEO-03); e, 3) entrevistas com alguns dos adolescentes internos pela prática de homicídio ( $n= 8$ ).

Com relação ao levantamento sociográfico, objetivando-se a busca das regularidades, empreendeu-se a coleta de informações que pudessem ser quantificadas. Foram levantadas e classificadas informações referentes a: a) dados pessoais, como idade, local de residência, ocupação, escolaridade, naturalidade, responsável, etnia e envolvimento com tráfico, b) dados sobre o homicídio, contendo informações sobre local de ocorrência, distrito policial, a forma como ocorreu o crime, a qualificação e situação do homicida, versão do Boletim de Ocorrência e outras versões surgidas ao longo do inquérito policial, bem como o desfecho do processo, c) dados sobre internação, investigando-se, nos casos onde as vítimas tiveram passagens pela FEBEM, o número de vezes em que estiveram internadas, o número de dias que permaneceram na instituição, a quantidade de fugas e se saíram ou não da instituição com a definição de outra medida, como a liberdade assistida.

Quanto à utilização das técnicas de observação na instituição de internamento e de entrevista com os adolescentes internos pelo cometimento de homicídios, a mesma foi requerida quando do levantamento dos dados socioeconômicos. De modo geral, as informações

As entrevistas foram semi-estruturado em torno dos atos praticados pelos entrevistados, principalmente. As entrevistas foram realizadas individualmente, na instituição de internamento, durante a permanência. Cada adolescente foi entrevistado

### **Resultados**

#### **Levantamento Sociográfico**

Pode-se afirmar que a maioria das vítimas é oriunda das camadas pobres da sociedade, que não haja a disponibilidade de dados socioeconômicos das famílias, é a conjunção das situações que sustentam esta afirmação. Baixa escolaridade, baixa qualificação profissional dos responsáveis, moradia são exemplos de elementos que contribuem para esta configuração.

Os dados sobre o local de residência das vítimas mostram que a maior parte (70%) das vítimas é oriunda das regiões Centro, Norte e Oeste do município, que concentram a maior parte da concentração populacional. Segundo o Censo Demográfico Municipal (1998), nestas regiões residem 70% da população do município. Tais regiões, que concentram a maior parte da população, que centralizaram a maior parte das mortes.

Com relação à escolaridade, pode-se afirmar que as vítimas possuíam baixa qualificação, que a maioria, 41, 96%, situou-se na quarta série. Pode-se citar que 58,04% cursou até o 5º ano, 10,89% cursou até a sexta série, 1,02% cursou a quinta série e, apenas 3,96% cursou a sétima série. Geralmente, o abandono da escola ocorre entre os 12 e quatorze anos, faixa etária que é a maior parte da vida de envolvimento com os atos infracionais.

Quanto à idade, a maioria das vítimas, que faleceram, situava-se na faixa etária de 15 a 19 anos, porcentagem eleva-se para 84,21%, que é a faixa que compreende dos adolescentes que praticaram os homicídios.

que se obteve informação sobre os responsáveis pelo adolescente ( $n=76$ ), 78,95% enquadram-se nesta categoria. Apenas 21,05% das vítimas tinham o pai e a mãe como responsáveis. Na maioria (52,63%), a mãe era a única responsável e, em 13,16%, a responsabilidade do adolescente estava a cargo somente do pai. No primeiro caso, grande parte da ausência da figura paterna se deu por separação ou morte ou, pelo fato do pai ter abandonado a família e estar entregue, por exemplo, ao alcoolismo. Os demais casos (13,16%) distribuem-se entre aqueles que estavam sob a responsabilidade de avós, irmãos, tias e guardiãs.

A ocupação das vítimas era diversificada entre serviços gerais, servente de pedreiro, chapa, ajudante de bar, balonista, etc. Todas as atividades caracterizam-se pela não exigência de qualificação ou grau de escolaridade. Na realidade, o tráfico de entorpecentes parece ter sido a principal atividade econômica. Em muitos casos, com os proventos advindos dessa atividade, os adolescentes contribuíam para o orçamento familiar e alguns chegavam a sustentar suas famílias. Em outros, os adolescentes abandonaram a família e passaram a ter vida independente, morando na rua ou no próprio ponto de venda das drogas. A avaliação dos processos judiciais apontou, em meio a singularidades e peculiaridades, para ao menos uma constância: grande parte dos jovens vitimados apresentavam antecedentes infracionais e passagens pela Unidade Educacional da FEBEM de Ribeirão Preto (UE-03), particularmente antecedentes que envolvem a presença das drogas. Dos 41 casos em que foi possível obter a informação, 29 constavam que o adolescente possuía envolvimento com o narcotráfico, o que representa 70,73% dos processos com informação.

Em relação ao uso de entorpecentes, em 11,88% dos processos continha informação de que a vítima não fazia uso e, em 42,57% dos processos havia informação de que a vítima usava maconha e/ou crack. Em grande parte dos processos não há informações precisas (45,54%), mas

que diz respeito à desinternação, do total da informação, apenas 16 saíram em liberdade, um foi encaminhado para o Conselho Tutelar e 24 saíram da instituição sem aplicação de medida.

Os homicídios, quase totalmente, são cometidos por arma de fogo (geralmente revólver e pistola), três foram cometidos por arma branca e um contra uma vítima do gênero masculino, duas meninas, sendo um cometido por um homem e outro pela única mulher autora de homicídio.

Como observado acima, o local do homicídio geralmente coincide com a região de residência, bem como em determinados casos, a localização é outra processo analisado, como a autoria, caracterizando um movimento cíclico entre os locais onde existe uma proximidade bastante entre as vítimas e os autores dos homicídios.

Geralmente, os homicídios seguem um padrão: dois indivíduos em uma moto, com arma de fogo, saem à procura da vítima e quando o passageiro descarrega sua arma e tenta empreendendo-se a fuga logo em seguida, os alegados para o homicídio, quando os processos, referem-se, na maioria, a desentendimentos em aquisições de entorpecentes, seguindo conflitos de natureza subjetiva e desentendimentos ocasionados por brigas anteriores. Por outro lado, casos de adolescentes mortos por engano com outra pessoa. Em dois dos casos era impossível apurar a autoria do homicídio ( $n=44$ ), que eram reconhecidas pelos autores como mortos. Este fato evidencia a situação de insegurança que submetida a população jovem moradora de comunidades com maior incidência de homicídio, coloca a juventude em situação de risco e vitimização.

A autoria do homicídio é conhecida em 43,56% da amostra e, em 56,43% elas são homens. Ou não há outras informações (por exemplo, se a vítima é homem ou mulher). Às vezes, não há

citado anteriormente, 42% dos homicídios, registrados no ano de 1998, foram praticados por jovens com menos de 18 anos. Em nossa pesquisa, como se verifica, do total de autores identificados, 50% são menores de 18 anos, chamando assim a atenção para o fato de que adolescentes estão sendo utilizados, seja como matadores, seja assumindo a autoria de um maior de idade. Os jovens assumem a responsabilidade em metade dos homicídios cometidos na cidade, e um número cada vez maior deles está sendo vítima de homicídio. Isto é evidência cabal de que os mecanismos de contenção e canalização da violência estão funcionando precariamente, em crise permanente de realização.

A polícia participa diretamente como autora em 4,9% dos homicídios, alegando estrito cumprimento da lei. Em outros, ela aparece como suspeita, apontada por familiares ou por algumas testemunhas. Em depoimentos de adolescentes internados na FEBEM, encontram-se também referências a espancamentos e constrangimentos sofridos quando surpreendidos pela polícia em via pública.

Quanto ao desfecho dos processos, a ausência de informações dificulta análises mais precisas. Em 48 processos, inexiste o relatório de conclusão dos fatos e, em 15 ainda não foram concluídos os inquéritos policiais. Em onze casos, foi decretada a prisão preventiva e em cinco, o indiciamento. Alguns casos foram arquivados pela morte do autor ( $n = 4$ ) ou pelo autor estar foragido ( $n = 1$ ). Outros, aguardavam a identificação do autor ( $n = 6$ ). No caso de autores menores de idade conhecidos ( $n = 29$ ), em dez processos aparece o encaminhamento para a Vara da Infância e Juventude e, em um houve a aplicação da internação.

Os poucos casos de declaração de prisão preventiva do indiciado indicam que não há efetivo interesse e vontade política para a apuração dos fatos. A maior parte dos inquéritos não é concluída pela morosidade, quase paralisação nas investigações, seja por falta de laudos

em alguns casos, mas não alcança o contingente de internados.

A ressocialização depende de pontuais de profissionais da instituição de cada adolescente dentro da intenção de um programa pedagógico que concorde com os objetivos de uma política socializada, o ECA e as normas internacionais. Um programa claro e fundamental deve ter como conteúdos e atividades, sendo o uso de drogas uma rotina de grande parte dos adolescentes. É comum que muitos adolescentes são internados por uso de drogas, de acordo com dados da Sest, 90% dos internos foram ou são internados para esperar, numa proposta psicopedagógica, intervenções que tratassesem da dependência. De trabalhos como, por exemplo, o formato de comunidades terapêuticas, destinadas para aqueles adolescentes que desejam abandonar o uso das drogas. Isso é comum, mas não é o que ocorre em outras instituições, que têm uma característica, e de conhecimento, que é a de não tratar da presença de drogas no ambiente. A utilização de maconha é um destes indícios que levam adolescentes a serem internados da instituição. A guerra contra o tráfico manifesta-se também dentro da instituição, havendo internos que, por exemplo, podem entrar em contato com os traficantes. São os chamados espinhos, que parecem estar portando estacionamento de drogas. A proposta psico-pedagógica, não realizada, é de uma educação cativa e, com isso, pouco conseguem. A ressocialização, quando não agravando a dependência, é a lização, quando não agravando a dependência.

Quanto às entrevistas realizadas que cometem homicídios, as boas capacidades de compreensão, também, de frieza nos momentos geralmente começam com u-

a guerra de gangues: “*de vez em quando a gente ia dar uns tiros nas bocadas dos outros*”. Relatam espancamentos e abusos sofridos quando detidos por policiais, que deixam seqüelas de ódio e ressentimento. Para alguns adolescentes entrevistados, polícia é pior que bandido. Queixam-se do ócio na FEBEM e têm ciência de que se não tomarem providência no sentido de mudança no estilo de vida, fatalmente encontrarão a morte. Segundo os próprios adolescentes, quem mata morre. Representam a violência como instrumento de intimidação e poder.

### Discussão

O contexto social, no qual se desenrolaram os fatos, mostra um quadro de evidente pobreza. Cabe salientar que não se está aqui assumindo uma relação direta entre miséria e criminalidade. A criminologia crítica (Taylor, Walton & Young, 1980), há muito, apontou com clareza que a questão fundamental é a produção das leis e a atuação enviesada das instituições de controle social da violência, “que só identifica como criminoso o delinquente oriundo das classes populares” (Zaluar, 1996, p. 67). Tal reconhecimento, contudo, não exclui aquele relativo à existência de configurações infracionais ligadas a determinadas classes sociais. E, na problemática estudada, ou seja, homicídios, fica bastante clara a sua relação com as condições de extrema pobreza, bem como com os fatores a ela inherentemente vinculados, em especial, a busca por uma alternativa econômica e de sobrevivência, encontrada por esta população no mundo do comércio das drogas.

A exposição aos estímulos e oportunidades de pequenos delitos e de envolvimento com o comércio das drogas parece ainda vinculada também à constituição familiar, ou melhor, à rede de apoio dos adolescentes, em especial, à ausência de figuras que possam exercer um papel de apoio e proteção à vulnerabilidade e ao risco. Na maioria dos casos, o envolvimento com o tráfico

grandeza, veiculados pela mídia e valorizados como sinônimo de felicidade e sucesso.

Para Castro (1998, p. 18) “as condições da contemporaneidade apontam, também, para a radicalização do individual onde o sujeito reconhece na apoteótica realização dos desejos de consumo”. A falta de condições de sobrevivência, a frustração diante de tantas possibilidades virtuais de consumo são elementos para a radicalização, de certa forma, enquanto um projeto de vida. A atividade ilícita é perpetrada no sentido de suprir uma falta, uma carência no plano material e espiritual, uma desesperada de satisfação que acaba com a morte.

Como afirma Violante (1997, p. 10): “o Eu da infância, o Eu deve poder auto-investir-se no futuro, na esperança de ter, então alcançar o que quer (...). Para constituir-se, o Eu exige realização, significação e reconhecimento advindos de um outro Eu que lhe sirva de ponto de referência, de identificatório e suporte de investimento. Por um momento em que a modernização traz frutos impossíveis de serem alcançados, de modelos que contrariem o dito popular ‘o que não compensa’, o modelo identificatório do Eu passa facilmente a ser o do traficante, o do bandido, o sucedido. Os dados de Silva (1999) mostram que os representativos deste poder de atração, os entorpecentes é a segunda infração que mais cresce no período estudado pela autora, aumentando 23,75 vezes.

A ausência de figuras significativas e de apoio parece assim agravar, em determinadas situações, o relacionamento desses adolescentes com a realidade, sua adaptação às instituições sociais. Pode ser que em famílias onde ocorre a ausência de um ou mais pais, ou, em geral, o menor é forçado muitas vezes a sair de casa para ir à escola e ingressar precocemente no mundo do trabalho, para auxiliar a família a sobreviver.

a praticar pequenos delitos para pagar dívidas assumidas com o uso de substâncias entorpecentes. Aos poucos, assumem “bronca” de traficantes maiores, inserindo-se assim numa rede de conflitos e disputa de mercados. Dentro dessa dinâmica de vida comercial ilícita, de economia de troca conturbada, de intenso porte de armas, no convívio inter-grupal, é inevitável que os pequenos desacordos sejam resolvidos de forma violenta, intensificando-se até suas últimas consequências.

Nesse mesmo sentido, também os espaços vivenciados pelos adolescentes não oferecem condições para mudarem a trajetória de envolvimento com o crime. A amostra estudada é insuficientemente instruída, compondo o contingente de alunos repetentes que acabam evadindo-se, e muitas vezes sendo expulsos da escola. As medidas aplicadas àquelas vítimas com antecedentes infracionais, que tiveram passagem pelo Juizado da Infância e Juventude, por sua vez, também não foram suficientes para oferecer novos referenciais e possibilidades de re-significação do papel social desses adolescentes, nem mesmo, para impedir a internação. Uma vez internados, essa medida foi marcada pela inatividade, pelo ócio, não conseguindo cumprir assim o caráter sócio-educativo de reeducação. A maioria reincide e procura fugir da instituição ou, quando saem, retornam ao mundo do crime.

Com relação ao autor do homicídio, a maior parcela não é identificada pela morosidade nas investigações, sendo poucos os casos de efetivação da prisão do autor do homicídio. Além de dificuldades técnicas, articulam-se a falta de recursos materiais, a ausência de vontade política de setores da polícia que, capturados por determinados agenciamentos ideológicos, podem vir a entender a morte de adolescentes infratores como “higiene social”. Ao mesmo tempo, há que se considerar que, quando ocorre a identificação, poucas são as possibilidades de resocialização destes autores, sejam eles adultos ou adolescentes. Cumprindo pena ou medida sócio-educativa

não natural". Desprovidos de sobrevivência, não assistidos e não reconhecidos na singularidade, tiveram os adolescentes a possuir uma infância adulta. Não tiveram acesso à prioridades definidas enquanto prioridades que tudo indica, não sofreram assistência social e nem das medidas II e III, Art. 87 do ECA). Não se efetivamente das medidas sem no sentido de se evitar a delinqüência e de promover o adolescente. Em suma, as vítimas tiveram condições infra-estruturais de desenvolvimento pleno, não necessária, enveredaram-se e ficaram incapacitados para a reabilitação, infracionar, acabando por serem

A forte presença da não perda de vítimas, que poderíamos chamar de incompletude, não é apenas uma questão de modo isolado. Ela articula-se com a identificação como impotente. Incompletude, impotência e rejeição são fatores que moldam a trajetória individual, mas o que é fundamental é a percepção de que o todo.

Os processos não se dão de forma linear, mas de forma circular, informando e finalizando desfechos da vida escolar até o próprio homicídio. Faltam dados, mesmo que parciais, que possam indicar a realização parcial indica o processo de recuperação e reintegração do jovem na proteção, execução de políticas preferencial de recursos para a executa, isto certamente indica que o maior ainda no nível de vida dos jovens provenientes de camadas sociais mais baixas, podemos considerar os homens

no município. Os dados de Silva (1999) apontam para a utilização de armamento pesado por parte dos adolescentes, tais como metralhadoras e fuzis, indicando uma mudança qualitativa na história da delinqüência juvenil no município, nos últimos anos. Embora ainda a grande maioria dos autores de atos infracionais seja composta por aqueles que praticam atos leves e desprovidos de violência, esses adolescentes, paulatinamente, gozam de uma infra-estrutura e de um suporte logístico oferecido pelo crime organizado. E, no nível da produção de subjetividades, verifica-se, na cultura dos adolescentes envolvidos na prática de atos ilegais, um processo de glorificação do crime. Entre os institucionalizados, são aqueles que cometem infrações pesadas, como homicídios e latrocínios, inseridos em uma estrutura de tráfico organizado, os que são mais respeitados e temidos, não apenas por outros adolescentes, mas também pelos monitores e coordenadores da instituição.

Neste universo simbólico, os adolescentes são colocados na linha de frente, não só do tráfico de varejo de entorpecentes, mas da guerra entre gangues, tanto assumindo crimes cometidos por maior imputável, quanto eles próprios cometendo o homicídio diretamente. Está em curso um processo de produção de mortes de jovens, que necessita ser manietado em algum elo de sua cadeia, uma vez que apresenta uma tendência de franco e cíclico crescimento.

As histórias dos adolescentes vitimados, excetuando-se os casos de mortes por engano, aponta ainda para uma repetição de ocorrências, eventos premeditados. A leitura dos processos é uma repetição de fatos, uma produção em série: evolução do envolvimento da vítima com atos infracionais, apreensões pela polícia, passagens por instituições, presença do tráfico de entorpecentes, uso e porte de armamento pesado, matar e morrer.

Com certeza, neste processo onde adolescente mata adolescente, existe a mediação de adultos, seja através das quadrilhas, seja através das instituições que desvirtuam

onde, além da fragilidade institucional, determinantes a disputa pela apropriação o embate de interesses financeiros e de entorpecentes, e, um modo determinante de subjetividades, cujo destaque principal recorrência à resolução de conflito mediada e violenta.

## Referências

- Adorno, S. (1995). A violência na sociedade brasileira em uma democracia não consolidada. *Sociedade e Estatuto da Criança e do Adolescente*. (1990). *Diário 8069*, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF.
- Castro, L. R. (1998). Infância e adolescência hoje. *Infância e adolescência na cultura de consumo* (pp. 1-11). NAU.
- Craidy, C. M. (1998). *Meninos de rua e analfabetismo*. P. Eblak, L. (1998, 6 de Dezembro). Adolescentes envolvidos na *Folha de São Paulo*, 3, 1.
- IBGE. (1991). *Censo demográfico - resultados do universo da população e dos domicílios*. Fundação Instituto Brasileiro de Estatística. Brasília, DF.
- Pinheiro, P. S. (1997). Violência, crime e sistemas novas democracias. *Tempo Social*, 9(1), 43-52.
- Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. (1998). *Ribeirão Preto: Edigma*.
- Silva, A. P. S. (1999). *O jovem em conflito com a lei na cidade de Ribeirão Preto: 1986 a 1996*. Dissertação de Mestrado não publicada. Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Taylor, I., Walton, P. & Young, J. (1980). *Criminologia*. Edições Graal.
- Violante, M.L.V. (1997). A perversidade da exclusão social (Org.), *Adolescência e violência: Consequências da realidade social*, 62). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zaluar, A. (1995). Crime, medo e política. *Sociedade e Estado*, 13(1), 1-12.
- Zaluar, A. (1996). Crime e castigos vistos por uma ala da prisão. L. Bingermer & R. S. Bartholo (Orgs.), *Violência e castigo*, 84). São Paulo: Loyola.

Sobre os autores:

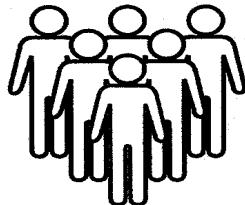
**Sergio Kodato** é Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Professor do Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto.

**Ana Paula Soares Silva** é Psicóloga, Pesquisadora do Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI), Mestre em Psicologia e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

## NÚCLEO INTEGRADO DE ESTUDOS E PESQUISA EM TRANSTORNOS DO DESENVOLVIMENTO

---

Filiado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento – UFRGS



Congrega psicólogos e demais profissionais das áreas da saúde e educação interessados na investigação e compreensão dos transtornos do desenvolvimento e suas implicações para intervenção na comunidade, sob a coordenação da Profa. Dra. Cleonice E.

Os objetivos do NIEPED são: Desenvolver pesquisa sobre crianças e adolescentes que apresentam transtornos do desenvolvimento, com ênfase no comprometimento psicolinguístico e da interação social, e aspectos psicossociais; construir um banco informatizado de dados e referências bibliográficas sobre a área, disponibilizado para pesquisadores, estudantes e profissionais interessados no assunto; incentivar o desenvolvimento e circulação de instrumentos de avaliação do comportamento da população estudada para fins clínicos, educacionais, e de pesquisa, bem como a elaboração de material bibliográfico destinado a professores, familiares e profissionais em geral; apoiar e subsidiar estudos e intervenções transdisciplinares, públicas e privadas, com a finalidade de desenvolver programas educacionais e de qualificação profissional visando a melhoria das condições de vida dessas crianças/adolescentes e suas famílias; atuar no ensino da graduação e pós-graduação.